

RESENHA

HISTÓRIA E MEMÓRIA DO INSTITUTO SANTA DOROTÉIA DE POUSO ALEGRE-MG (1911-1976)

Jonatas Roque Ribeiro¹

BALBINO, Gilberto. **História e Memória do Instituto Santa Dorotéia de Pouso Alegre-MG (1911-1976)**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017. 148p.

Em 1927, o inspetor de ensino “Dr. Modestino Cannabrava” deixou registrado em seu relatório anual as impressões sobre a visita realizada numa escola feminina. “Visitando o Colégio [Santa Dorotéia]”, alardeou o inspetor, “com satisfação deixo aqui expressa a ótima impressão que de tudo recebi, e com as minhas homenagens à respeitável irmã superiora e suas dignas colaboradoras, faço votos pela felicidade das meninas que se educam neste educandário dedicado à educação da fina flor da sociedade sul-mineira” (O Paiz, Rio de Janeiro, 18-12-1927).

A escola em questão – eloquentemente elogiada pelo inspetor – foi o Instituto Santa Dorotéia, doravante ISD, da cidade de Pouso Alegre, objeto de estudo do livro, recentemente publicado, do pesquisador Gilberto Balbino, professor da Faculdade Católica de Pouso Alegre. Resultado de sua dissertação de mestrado, defendida em 2008, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco/SP, o livro buscou estudar a trajetória desse educandário, destinado à educação das meninas e moças das elites sul-mineiras.

O recorte temporal adotado privilegiou fundamentalmente o período de existência da instituição, fundada em 1911 e extinta em 1976. Ao longo dessas seis décadas de atividade, o instituto produziu uma grande e variada quantidade de documentos e registros que, basicamente, compuseram o escopo de fontes analisadas pelo autor que privilegiou na sua

¹ Mestre em História. Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)- Cidade Universitária Zeferino Vaz. Campinas-SP/Brasil. e-mail: jonatashistoria2010@hotmail.com

abordagem documentos cartoriais, como atas, livros de matrículas, históricos escolares, relatórios, regimento interno, livros e revistas comemorativas, imprensa, fotografias e os relatos orais. Aliás, a memória foi empregada no livro a partir de dois ângulos – como perspectiva teórico-metodológica e como objeto de estudo.

O autor também demonstrou a constituição da escola na cidade, bem como identificou os laços estabelecidos pela instituição com uma cultura urbana que a envolveu e, ao mesmo tempo, foi produzida no seu contexto escolar. Além disso, compreender o lugar da escola na construção da identidade urbana local foi um dos objetivos principais do livro.

A passagem do século XIX para o XX marcou um momento de transição na sociedade brasileira. Abolição legal do trabalho escravo, mudança de regime político, imigração de europeus e asiáticos, crescimento e diversificação econômica, demográfica e urbana foram algumas das experiências vivenciadas pela população nesse período. Pouso Alegre, de modo semelhante, vivenciou esse processo, com intensidade e reflexo variados. As primeiras décadas do século XX sinalizaram um movimento de reorganização da sociedade local, marcado pelo crescimento econômico, demográfico e urbano, tais como o desenvolvimento dos setores de comércio, de serviços, manufatureiro-fabril e financeiro-creditício, reflexos diretos do processo de modernização em curso e da expansão do capitalismo.

Esse foi o cenário que rodeou o primeiro capítulo do livro, intitulado “Instrução religiosa e educação para a vida urbana”, que analisou o ISD no processo de modernização e urbanização da cidade. O autor investigou o papel desempenhado pela Igreja Católica local na legitimação política e na inculcação ideológica no campo da educação. A instituição do regime político republicano, em 1889, separou definitivamente Estado e religião, mas isto não significou o fim da influência da Igreja Católica na política, tanto em nível nacional como local. Em Pouso Alegre o seu domínio perdurou por longas décadas. A cidade se tornou sede de Bispado, criado em 1899 e instalado em 1902, fator que contribuiu decisivamente para aumentar a intervenção da Igreja Católica na cidade e no Sul de Minas. O seu principal campo de atuação foi a educação, voltando-se prioritariamente para a formação dos filhos e filhas das classes dominantes por meio da implementação de uma rede de estabelecimentos de ensino primário, secundário, ginasial, normal e profissional.

Nesse caminho, vários estabelecimentos de ensino, administrados pelo Bispado local foram criados. O Colégio São José – destinado à educação dos moços das elites locais e regionais –, foi criado em 1899 e, em 1904, foi equiparado ao Ginásio Nacional. Em 1902, as Irmãs da Visitação inauguraram o Colégio e Escola Normal da Visitação, voltado para a educação feminina. Ganhou equiparação à Escola Normal Oficial em 1905 e, em 1911, foi transferido para as Irmãs Dorotéias, tornando-se o Colégio Santa Dorotéia.

Além desses, a cidade contou também com outras instituições católicas – Seminário Maior Nossa Senhora Auxiliadora (1899); Escola Profissional Delfim Moreira (1917); Escola Doméstica Santa Terezinha (1929) – ambas voltadas para a educação da infância e juventude pobres e desamparadas, sendo a primeira para meninos e a segunda para meninas. A experiência desses espaços no cenário urbano de Pouso Alegre ganhou pouco destaque na narrativa do autor que privilegiou tão somente a trajetória do ISD. Uma análise mais detida sobre os outros estabelecimentos de ensino criados pelo Bispado poderia ter contribuído para o aprofundamento da discussão sobre a educação como uma faceta do processo de urbanização e modernização experimentado pela cidade e levado a cabo pelas elites locais no início do século XX.

Ainda no primeiro capítulo, discutiu-se a feminização do magistério e o contexto em que a docência passou a ser percebida mais como sacerdócio e missão do que como profissão, já que o ISD, em sua política educacional, construiu valores e normas pautados na formação para o lar e para a maternidade. Os seus projetos pedagógicos e currículos foram elaborados de acordo com as leis que regiam o sistema de ensino, porém, adaptados aos interesses da Igreja Católica local, da Congregação das Dorotéias e das exigências das famílias das alunas. Tanto que a linha que separava as práticas educativas das práticas religiosas foi quase sempre tênue e sutil. O instituto construiu, pregou e disseminou um modelo de formação intelectual atrelada à formação religiosa, que exigiu das professoras e alunas, normas e regras de conduta e moral orientadas pelo catolicismo. Nesse sentido, foi exemplar a experiência das associações religiosas no interior do colégio – que prepararam as alunas para o exercício de atividades caridosas e beneficentes.

Apesar de reconhecer o ISD como um espelho das desigualdades e diferenciações presentes no espaço urbano e como expressão das formas discriminatórias instituídas pelas elites locais, o autor negligenciou aspectos importantes, como a divisão social dentro do colégio, marcado por recortes de gênero, classe e raça. O ISD atendeu alunas pagantes e não pagantes (bolsistas) que tiveram tratamento e educação diferenciada. Também não há no livro nenhuma menção sobre a existência de alunas ou professoras negras na instituição. Assim, pode-se pensar o ISD como um espaço que proibiu ou dificultou o ingresso e permanência de alunas e professoras negras em seus espaços.

O segundo capítulo – “A escola e a cidade nos periódicos de Pouso Alegre” – analisou a relação entre educação, desenvolvimento urbano e Igreja Católica. O autor abordou o ISD como um espaço difusor de estilos culturais, de vida e de identidades sociais, marcados por ensinamentos, ideologias e valores católicos. Nessa parte do livro, ganhou destaque o instituto sob a perspectiva da forma e cultura escolar, intimamente ligada às práticas urbanas, ao ordenamento espacial, às relações de gênero, às identidades profissionais, à materialidade e à formalidade das práticas escolares, à escolarização dos conhecimentos – símbolos das ideias de modernidade em voga no período. Num contexto em que os estabelecimentos de ensino continuaram funcionando em condições precárias, marcadamente por meio de escolas e classes isoladas, o ISD se destacou por ser um espaço constituído como símbolo e, ao mesmo tempo, resultado de um projeto “moderno” de construção e organização de espaços e valores escolares. Certamente, a sua trajetória serviu de referência para outras instituições congêneres, perspectiva que poderia ter sido abordada pelo autor.

Ademais, as décadas de 1940-1950 marcaram um movimento de reestruturação pedagógica do ISD. O colégio ofereceu, até o ano de 1944, o curso primário, adaptação e normal. Em 1944, foi criado um curso ginásial anexo ao instituto. No final da década de 1950, a instituição passou a oferecer as modalidades jardim de infância, curso primário, curso de admissão, curso ginásial, curso normal e colegial, além de alterar seu nome para Colégio e Escola Normal Santa Dorotéia. Porém, a partir da segunda metade da década de 1960, a instituição iniciou um processo de redução de alunas e gradativa perda de espaço e prestígio na sociedade pousoalegrense e sul-mineira.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961 que, entre outros dispositivos, autorizou as escolas estaduais a oferecerem o curso de Magistério em três anos, pode ter sido um dos fatores desse processo de declínio experimentado pelo ISD. Nos anos 1970, a criação de cursos superiores de Pedagogia em várias faculdades da região, a exemplo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Eugênio Pacelli, de Pouso Alegre, também contribuiu para a diminuição do número de alunas do colégio. Após a publicação da Lei n. 5.692/1971, que regulamentou o ensino de 1º e 2º graus, o Colégio Santa Dorotéia passou a funcionar com as quatro últimas séries do antigo 1º Grau (5ª a 8ª séries), e com o 2º Grau, oferecendo duas opções de cursos profissionalizantes – Magistério e o curso Técnico em Enfermagem, autorizado em 1974.

No terceiro e último capítulo – “Lembranças que dão significado ao instituto” – a análise recaiu sobre as memórias das ex-alunas e ex-professoras do colégio. O autor examinou a relação entre memória e história, particularmente atentando para os aspectos conceituais, teóricos e metodológicos envolvidos nesta interação. Contudo, o livro apresentou e explorou muito pouco o conteúdo efetivo dos relatos orais. As memórias das ex-alunas e ex-professoras evidenciaram questões importantes na trajetória do colégio. Por exemplo, as práticas pedagógicas do instituto estimularam muito pouco a criatividade e as competências das alunas, pelo contrário, a postura de submissão foi fomentada, supervalorizou-se a memorização e deixou em segundo plano o exercício da capacidade crítica. Outra questão levantada pelas depoentes foi em relação aos desafios e injustiças sociais, que passaram distantes do cotidiano escolar, pois a prática de um ensino conservador foi característica marcante dos estabelecimentos de ensino da Congregação das Dorotéias.

O Colégio encerrou suas atividades em 1976. A construção da nova sede, em 1971, no bairro de Fátima, lugar até então afastado da região central da cidade; a queda no número de alunas e o desinteresse no tipo de educação oferecida pelo colégio; a resistência da Congregação das Dorotéias em adotar as novas demandas exigidas pelo novo perfil de alunas (marcadas, sobretudo, pelas transformações sociais e culturais surgidas nos anos 1960); a instalação de instituições de ensino superior na região, especialmente a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Eugênio Pacelli, na década de 1970; o desinteresse das elites locais

em fomentar e apoiar a política ideológica do colégio, foram algumas das razões que levaram ao fim da sua trajetória.

Ainda que as ponderações abaixo não tenham feito parte do escopo adotado pelo autor, considera-se relevante destacar algumas questões, tendo em conta que o acervo empírico investigado na obra possibilita interpretações e investidas para além dos seus propósitos iniciais. O livro tem fundamentos analíticos admiráveis, embora, para alguns temas tratados, a pesquisa empírica e bibliográfica tenha perdido força e consistência. Por exemplo, as contradições, disputas e tensões no interior do instituto, principalmente entre as posições dos inspetores, das diretoras e das professoras, não foram abordados com cuidado. A historiografia da educação tem produzido muitas pesquisas e estudos sobre a história das instituições escolares, mas pouco avanço foi feito no sentido de investigar a estrutura administrativa e financeira interna desses estabelecimentos de ensino, o que pode trazer contribuições valiosas para este campo de estudos.

Outro ponto pouco explorado no livro foi o instituto como espaço de construção de afirmação das identidades profissionais de normalistas e professoras. Afinal, um dos intentos do estabelecimento foi formar professoras capazes de difundir o pensamento e os preceitos religiosos e morais apregoados pela Igreja Católica nos cotidianos das escolas nos quais, por ventura, fossem atuar. O autor poderia, também, ter trabalhado com mais vagar a categoria gênero, o que teria lhe permitido redimensionar a atuação da mulher (das elites) no cotidiano educacional pousoalegrense e sul-mineiro, haja vista a fundamental contribuição do instituto, das suas mestras, professoras e normalistas na construção da moderna “educação” sul-mineira, com a instituição de novos hábitos, regras sociais e culturas escolares.

Todavia, Gilberto Balbino não tomou o ISD apenas como uma instituição modelar cerne da produção de expectativas pedagógicas e políticas de modernização social e escolar. O instituto também foi símbolo e dispositivo da formação de uma cultura urbana. Uma das marcas desse processo se deu por meio da sua imponente edificação, marcando seu lugar social no espaço da cidade. O ISD colocou em funcionamento novas regras de sociabilidade urbana, impondo às alunas e suas famílias (e, em alguma medida, à sociedade pousoalegrense como um todo) valores, ritmos e comportamentos considerados adequados.

Nesse movimento de formação de novas modernidades e urbanidades, uma cultura escolar foi produzida, marcada por novas competências, saberes, identidades, rotinas e hábitos explicitados, por exemplo, nos currículos, projetos pedagógicos e no comportamento das alunas e professoras. Nesse caminho, fabricou-se também uma nova forma e cultura escolar, demarcadas pela arquitetura do prédio do instituto, no seu cotidiano, rituais, regras próprias de convivência e sociabilidade e nos seus critérios de valores e hierarquização social.

A presente obra, enfim, coloca como desafio a necessidade de se avançar no estudo da história das instituições escolares, em direção a um trabalho de levantamento de fontes para uma história da educação do Sul de Minas e do processo de institucionalização de estabelecimentos formais de ensino, que podem permitir tanto um melhor entendimento da especificidade da instituição escolar e da relação desta com o conjunto da sociedade, como um alargamento das referências para o estudo da construção histórica e social da escola e das suas formas e culturas escolares.

Submetido em: 04/09/2018

Aprovado em: 15/10/2018